



“Tá de resguardo” – reflexões sobre as ausências na escola devido a gravidez na adolescência

Ingrid Vitoria Gomes.¹

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ/FEBF

Resumo. O presente relato visa compartilhar experiências vividas por uma estudante de licenciatura em geografia, no ano de 2022 durante a disciplina de estágio supervisionado III em geografia, no ensino médio. A vivência ocorreu em uma escola estadual na região metropolitana do estado do Rio de Janeiro, no município de Duque de Caxias, Baixada Fluminense. Depois de dois estágios feitos de forma remota no período pandêmico (ensino fundamental), poder estagiar de forma presencial na escola, percorrendo seus corredores, dialogando com os alunos, conhecendo um pouco sobre seus saberes, sobre seus desejos e assistindo aulas com um professor que está realmente diante de mim com a possibilidade de poder trocar ideias com ele, foi muito gratificante, ainda que por um período curto. A ausência de meninas em sala de aula que se tornaram mães destacou-se nesta experiência e justifica a temática da gravidez na adolescência como temática central neste relato.

Palavras chaves: Estágio; observação; gravidez na adolescência; políticas públicas.

POSTPARTUM CARE SCHOOL ABSENCES DUE TO TEENAGE PREGNANCY

Abstract. The present report seeks to share some experiences lived by a degree student in geography, who experienced in the year 2022 the subject of supervised internship III in geography, in high school, in a state school in the metropolitan region of the state of Rio de Janeiro, in the city of Duque de Caxias, Baixada Fluminense. After two internships carried out remotely during the pandemic period (elementary school), being able to intern in person at school, walking through its corridors, talking to students, seeing a little of their knowledge, and attending classes with a teacher who is really in front of me, it was very good, even if for a short period of time. The absence of girls in the classroom for having become mothers stood out in this experience and justifies the theme of teenage pregnancy as a central theme in this report.

¹ Faculdade de Educação da Baixada Fluminense. E-mail: ingridluci2911@gmail.com

Keywords: Internship; observation; teenage pregnancy; public policies.

ATENCIÓN POSPARTO AUSENCIA ESCOLAR POR EMBARAZO ADOLESCENTE

Resumen. El presente relato busca compartir algunas experiencias vividas por una estudiante de grado en geografía, que realizó en el año 2022 la disciplina de prácticas supervisada III en geografía, en una escuela pública en la región metropolitana del estado de Río de Janeiro, en el municipio de Duque de Caxias, Baixada Fluminense. Tras dos etapas realizadas a distancia en periodo de pandemia (enseñanza fundamental), hacer prácticas presenciales en la escuela, caminando por los pasillos, hablando con los alumnos, viendo algunos de su conocimiento, de sus deseos y ver clases con un profesor que está realmente delante de mí y poder intercambiar ideas con él, fue muy bueno, aunque lo haya sido por poco tiempo. La ausencia de las niñas en el aula por haberse convertido en madres se destacó en esta experiencia y justifica el tema del embarazo adolescente como tema central en este relato.

Palabras clave: Prácticas; observación; embarazo adolescente; políticas públicas.

INTRODUÇÃO

O relato a seguir é produto de experiências vividas no chão de uma escola pública na periferia do estado do Rio de Janeiro, no município de Duque de Caxias, Baixada Fluminense, durante os meses de agosto e setembro de 2022. Poder voltar às atividades presenciais interrompidas durante dois anos, pela pandemia de Covid-19 e acompanhar as turmas e o respectivo professor foi um presente recebido graças a disciplina obrigatória estágio supervisionado III em geografia, de suma importância para nossa formação como profissionais da educação.

No período do estágio acompanhei duas turmas da terceira série do ensino médio e uma turma da segunda. As turmas tinham suas diferenças, por exemplo: uma mais falante, outra mais unida. Na turma de segundo ano os estudantes gostavam de reproduzir falas de *memes* nas conversas e cantar músicas do *Tik Tok*. Em uma das turmas do terceiro ano, os estudantes perguntavam mais durante a explicação; as outras turmas ficavam mais quietas, apenas ouvindo, e às vezes, tiravam dúvidas. Mesmo com suas diferenças, todas as turmas me receberam bem.

Nesta escola pude acompanhar atividades muito relevantes como uma

interessantíssima mostra cultural dos estados do Brasil. Estudantes surdos se apresentando e se comunicando para além do mediador; estudantes LGBT com voz ativa e à vontade, sem nenhum tipo de gozação ou gracejo por parte dos colegas; cartazes pela escola sobre violência contra as crianças e adolescentes, dentre outros exemplos. No entanto, algo que me chamou atenção e não de forma positiva, foi a quantidade de meninas de resguardo nas turmas que acompanhei sendo este o foco do relato em questão.

“Tá de resguardo”

(...) A história desse menino pássaro se inicia a partir da história de vida de sua mãe, Júlia, uma jovem moça periférica. Aos quinze anos, Júlia, que brincava de ser mulher como as fêmeas da espécie canário da terra, sem entender que a natureza não tinha finalizado seu corpo por completo, só aspirava e buscava os prazeres da carne, com seu amado príncipe vindo de outro Estado. Detentora de segredos inapropriados para sua idade, escondia seus desejos que queimavam como fogo ardente em seu corpo jovem. (BOTELHO, 2022, p. 76).

Logo no primeiro dia que comecei a acompanhar a turma da segunda série, algo me chamou atenção enquanto o professor fazia a chamada. Ele falava o nome de algumas meninas e os alunos respondiam: “tá de resguardo”. Em uma das turmas da terceira série, uma estudante foi até o professor e lhe entregou um papel para que mesmo pudesse abonar as faltas dela do período em que estava de resguardo. Pela conversa dessa aluna com o professor, percebi que ela sumiu da escola por um bom tempo, para além do período de resguardo por algum motivo, mas felizmente conseguiu retornar à escola. Nos casos de ambas as turmas a situação pareceu normal, porém, o ocorrido me causou estranhamento.

É de conhecimento geral que a gravidez na adolescência nas periferias desse Brasil e nas classes populares não é algo tão incomum. Eu mesma já estudei com uma menina que engravidou aos 12 anos, quando ainda estávamos no sexto ano do ensino fundamental. Contudo, me espantou a naturalidade com que todos lidavam com a situação e me fez pensar se aquela

escola com tantas iniciativas estaria desenvolvendo algum projeto de conscientização com relação ao caso descrito.

A gravidez na adolescência é uma questão de saúde pública e além de causar a morte precoce de muitas meninas e de seus bebês e/ou até doenças para ambos, a gravidez na adolescência é também um problema social fruto da desinformação e, entre outras coisas, da falta de conversas francas dos responsáveis com os adolescentes.

A lei nº 13.798/2019 (incluída no Art. 8º do Estatuto da Criança e do Adolescente), institui a semana nacional de prevenção à gravidez na adolescência, a ser realizada anualmente, com o objetivo de disseminar medidas preventivas e educativas que contribuam para a redução da incidência da gravidez na adolescência. Porém, não presenciei nenhum cartaz na escola e não houve nenhuma conversa sobre essa temática durante o período em que estagiei lá. Como permaneci por pouco tempo, não posso afirmar que a escola não faz tal campanha, apesar de estranhar o silêncio sobre a situação no momento da chamada.

Nos dias que se seguiram, percebi a presença de uma estudante grávida na turma da segunda série e continuei ouvindo, durante a chamada, o nome de meninas que os alunos diziam não estarem presentes devido ao resguardo. O ponto positivo é que sempre tinha alguém para justificar a ausência dessas discentes, sinal de que elas não abandonaram a escola, como muitas vezes acontece, infelizmente. Contudo, fiquei sem saber como a escola lida com a situação.

A Lei 6.202/75 estabelece que a estudante em estado de gravidez ficará assistida pelo regime de exercícios domiciliares, a partir do oitavo mês de gestação e durante três meses após o nascimento do bebê, podendo o período ser aumentado mediante atestado médico. Entretanto, não sei como eram as atividades enviadas para essas adolescentes e se, de fato, elas eram enviadas, sendo uma pesquisa importante para um próximo trabalho.

Não conheci as estudantes que estariam de resguardo e não vi a forma como são avaliadas quando voltam, o que seria bastante interessante. Fiquei

pensando em como eu lidaria com essa situação como professora. Que tipo de atividades e avaliações passaria para essa estudante adolescente-mãe-aluna? Como poderia discutir essa questão em sala com os estudantes? Confesso que ainda não tive muitas respostas para essas perguntas.

A mulher é quem sofre mais

Historicamente o papel da mulher na criação dos filhos vem sendo colocado como mais importante que o papel do homem. Enquanto a paternidade é opcional, a maternidade é obrigatória. Possivelmente pelo papel que era esperado dos homens durante séculos, apenas de reprodutor, enquanto as mulheres tinham/tem a responsabilidade de criar as crianças. Quem nunca ouviu a frase: “Quem pariu Mateus que o balance”? Ela nos faz refletir muito sobre a responsabilidade que a nossa sociedade lança sobre as mulheres em relação à criação e ao cuidado com os filhos.

Quando um adolescente se torna pai, ainda que ele tenha de trabalhar para ajudar a cuidar da criança, para ele ainda é mais fácil continuar os estudos, já que a criança geralmente está sob os cuidados da mãe. No caso da mãe adolescente, mesmo que ela não trabalhe fora, ainda é mais difícil continuar os estudos, já que geralmente, ela está com o bebê, muitas vezes não tendo com quem deixá-lo, porque levá-lo para a escola não é visto como uma opção muito viável.

Sendo assim, a mulher é quem sofre mais com a gravidez na adolescência, que faz com que ela atrase ou abandone os estudos, ou que a caminhada seja mais difícil, pois a escola não é pensada para alunas-mães. Algumas vezes essas meninas conseguem voltar na modalidade EJA - Educação de Jovens e Adultos, mas nem sempre é possível.

O artigo Gravidez na adolescência: consequências centralizadas para a mulher (2016), aborda a gravidez não planejada na vida de meninas de 18-19 anos no sertão paraibano. É uma pesquisa quantitativa com base nas

respostas de um questionário para meninas cadastradas em uma unidade de saúde e dentre as consequências da gravidez percebidas com as respostas das meninas, está o abandono escolar (42,1%).

Tal artigo busca discutir estratégias para a promoção de comportamento sexual seguro e trabalha as consequências centralizadas na mulher. É uma discussão importante porque geralmente é a mulher quem sofre mais nesse processo, uma vez que nas classes populares não é pequeno o quantitativo de crianças criadas apenas pela mãe e com o pai desconhecido. Sabendo disso, é fundamental trazer esse tipo de debate.

Família, escolas e unidades de saúde: a discussão é papel de todos

Sabendo das dificuldades que uma gestação precoce pode trazer e dos enormes desafios para que uma estudante adolescente siga com seus estudos e sua carreira profissional, a gravidez na adolescência é um problema de saúde pública como já foi descrito acima. Tal questão deve ser discutida não apenas em casa com os adolescentes, pois muitas vezes essa conversa não acontece, como nas escolas, nas comunidades e nas unidades básicas de saúde, para que o índice de meninas grávidas, meninas com doenças sexualmente transmissíveis e meninas mortas em partos diminuam. Outro benefício é a diminuição da evasão escolar que muitas vezes acontece porque os estudantes precisam trabalhar para ajudar financeiramente suas famílias e algumas vezes por conta de uma gravidez não planejada.

Santos (2014) traz a importância da discussão sobre educação sexual pelos pais, pelas unidades de saúde e pela escola. Aponta que a falta desse diálogo é um dos principais, se não, o principal fator da gravidez na adolescência. Como vivemos em uma sociedade judaico-cristã, apesar da presença do sexo e cenas eróticas em filmes, séries, propagandas etc, dialogar sobre sexo ainda parece ser algo proibido. Muitos pais imaginam que se conversarem com seus filhos estarão incentivando-os a fazer sexo. Isto

resulta em uma desinformação generalizada por parte dos adolescentes no aumento de doenças e da gravidez na adolescência. O Brasil figura na ONU como um dos países que apresentam taxas acima da média mundial de gravidez na adolescência (50 nascimentos por 1000 mulheres). A taxa brasileira é maior que a de alguns países periféricos como Sudão, Iraque e Índia.

Foi muito importante para minha formação como professora ter a oportunidade de estar em sala de aula para observar algumas situações, dentre elas, as ausências na escola por causa da gravidez na adolescência. Se não tivesse feito estágio nessa escola e ficado atenta a tal situação, não teria acesso, neste momento, aos dados que obtive devido a pesquisa para o relatório e não estaria me fazendo questionamentos como os que coloquei acima. Considero essa temática extremamente relevante para a sociedade como um todo e que essa experiência de estágio foi profícua para refletir sobre esta questão.

Considerações finais

Em conclusão, relatos de experiências como este que está sendo narrado só são possíveis quando se entra na escola com ouvidos e olhos atentos. Muitas situações me chamaram atenção durante o estágio nessa escola, como as práticas do professor e o comportamento dos alunos, contudo, ouvir nomes de pessoas em aproximadamente dois meses de estágio que estavam ausentes, com idade entre 16 e 18 anos, por estarem de resguardo, com certeza foi uma das coisas que mais me tocou.

Durante esta pesquisa senti falta de maiores referências de pedagogos/professores falando a esse respeito, já que os artigos e trabalhos de conclusão de curso que encontrei foram escritos por pessoas da área da saúde.

Oxalá que no futuro as escolas não sofram mais com esta questão, que

as escolas, as famílias e as comunidades se unam em discussão sobre educação e violência sexual. Que entremos atentos em nossos estágios como o campo de pesquisa que são – para ouvir e ver, porque certamente grandes experiências acontecerão

Referências

BOTELHO, Aline. **O menino pássaro: efeitos de um ninho machucado.**

In: OLIVEIRA, Mônica. Coletânea de contos. Rio de Janeiro: Metanoia, 2022. P.76-83.

BRASIL. Lei nº 6.202/1975. Disponível em: <<https://www2.camara.gov.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-6202-17-abril-1975-357541-norma-pl.html>> . Acesso em: 08/11/2022.

BRASIL. Lei nº 13.798/2019. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm>. Acesso em: 08/11/2022.

OLIVEIRA, Geane Gadelha et al. **Gravidez na adolescência: consequências centralizadas para a mulher.** Temas em saúde, João Pessoa, vol 16, número 2, p. (567-587), 2016.

SANTOS, Aline Fernanda de Araujo. **Gravidez na adolescência: ações compartilhadas entre a escola e a família.** Pompeu; 27 páginas; 2014.

SPANIOL, Claudia; SPANIOL, Mayra Muller; ARRUDA, Sonimary Nunes. **Gravidez na adolescência e educação sexual: percepções de alunas do ensino médio de um município da serra catarinense.** São Paulo: Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios de Desenvolvimento, 2019.